



CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

**RELATO DE EXPERIÊNCIA COMO INSTRUMENTO DE  
AVALIAÇÃO EM UM CURSO DE PEDAGOGIA DA  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA (UEPB)**

CAMPINA GRANDE/PB

FEVEREIRO/2015

WERYA BARBOSA LOURENÇO

**RELATO DE EXPERIÊNCIA COMO INSTRUMENTO DE  
AVALIAÇÃO EM UM CURSO DE PEDAGOGIA DA  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA (UEPB)**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura  
Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da  
Paraíba(UEPB), em cumprimento à exigência  
para obtenção do grau de Licenciatura Plena em  
Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Francisca Pereira Salvino

CAMPINA GRANDE/PB

FEVEREIRO/2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

L892r Lourenço, Werya Barbosa.

Relato de experiência como instrumento de avaliação em um curso de pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) [manuscrito] / Werya Barbosa Lourenço. - 2015.  
28 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2015.

"Orientação: Profa. Dra. Francisca Pereira Salvino, Departamento de Educação".

1. Avaliação do estudante. 2. Relato de experiência. 3. Aprendizagem. 4. Ensino superior. I. Título.

21. ed. CDD 371.27

WERYA BARBOSA LOURENÇO

**RELATO DE EXPERIÊNCIA COMO INSTRUMENTO DE  
AVALIAÇÃO EM UM CURSO DE PEDAGOGIA DA  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA (UEPB)**

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura  
Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da  
Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção  
do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Aprovada em 19/02/2015.

Francisca Pereira Salvino

Profª Drª Francisca Pereira Salvino (orientadora)

Vagda G. G. Rocha

Profª Drª Vagda Gutemberg Rocha (examinadora)

Valdecy Margarida da Silva

Profª Drª Valdecy Margarida da Silva (examinadora)

Campina Grande/PB

Fevereiro/2015

Ao Deus todo poderoso, que esteve sempre comigo, dando-me a força necessária para continuar a jornada, sem nunca desistir do caminho, dedico este trabalho.

## AGRADECIMENTOS

Ao meu querido pai celestial que é tudo na minha vida, minha força, razão de minha existência.

Aos meus queridos pais, Josemar Lourenço e Maria José Barbosa Lourenço, pois tudo que sou hoje devo a eles, que não puderam proporcionar riquezas, mas o melhor dessa vida: caráter. Em especial a minha mãe, mulher guerreira que sofreu comigo todas as angústias dessa luta diária que é a vida acadêmica.

À minha querida irmã, Werika Barbosa Lourenço, que vibrou comigo nessa longa jornada.

Às minhas tias que contribuíram com a minha formação, em especial Maria da Conceição Andrade.

Ao ex-diretor Emir Nunes (*in memoriam*), que foi um grande homem e concedeu-me uma bolsa de estudos no Colégio Técnico Comercial Dom Bosco, possibilitando-me continuidade aos estudos.

Aos meus professores do Curso de Pedagogia da UEPB, que deixaram sua marca no meu coração, pessoas especiais que sempre irei lembrar com carinho.

Às minhas amigas do Curso, que Deus permitiu que eu as conhecesse, para que essa luta se tornasse mais leve. Em especial à Mona Alves Guimarães, que sempre esteve ao meu lado na luta diária de cumprir com os deveres acadêmicos.

Um agradecimento especial à minha orientadora Francisca Pereira Salvino, que tive o privilégio de conhecer quando fazia monitoria, que me encantou com sua forma de lecionar, uma educadora que não tenho palavras para descrever, que eu admiro desde a primeira aula em que pude estar presente. Sem a sua ajuda tudo teria sido mais difícil.

Ao meu querido esposo, Jean Alisi Amorim Gomes Silva Barbosa, meu presente de final de curso, pois, desde que entrou na minha vida, incentiva-me a estudar cada vez mais e nunca parar. Obrigada ao meu amor por todo incentivo. Essa conquista é nossa.

Aos meus futuros filhos, que terão orgulho de saber o quanto sua mãe lutou para se formar e ser um exemplo para eles.

À minha igreja que sempre orou por mim, para que nenhum mal viesse acontecer, para que Deus livrasse de todo o perigo.

A todos que contribuíram de forma direta e indiretamente para a conclusão deste trabalho.

"Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar." (Paulo Freire).

## RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar o relato de experiência como instrumento de avaliação no Ensino Superior, tomando como referência a disciplina Currículo no Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). A partir da fundamentação teórica em Matos (2007), que abriu a discussão sobre a análise das concepções de avaliação dos estudantes, que tem sido uma das opções de trabalho na educação. Assim como, pautaremos a discussão em Camargo (1997), que traz para nós a importância do uso de resgate da memória, pois é uma atividade onde o discente está a todo tempo refletindo sobre sua aprendizagem. As concepções de avaliação foram discutidas através dos teóricos Esteban (2008), Hoffman (2005), Vasconcelos (2007), Libâneo (1994) e Luckesi (1992) para então analisar seis relatos de experiências, que foram produzidos por uma turma de Currículo, que teve a oportunidade de acompanhar durante o período de 2013.2, quando atuei como monitora da Disciplina, sob orientação da Professora Francisca Pereira Salvino. Os relatos de experiências consistiam no registro das aprendizagens significativas construídas durante as aulas de Currículo e foram utilizados como atividade avaliativa para composição da nota da primeira unidade, na qual a turma se dedicou a desconstruir/reconstruir significados de currículo, levando em consideração diferentes teorias curriculares, como progressivismo, eficientificismo, fenomenologia, reprodutivismo, crítica e pós-estruturalista. Conclui que o resgate da memória é um exercício muito interessante porque as alunas ficaram livres para escrever suas percepções sobre as aulas, mas sempre mediadas e orientadas pela Professora; o instrumento de avaliação escolhido foi rico, não deixou as alunas tensas, pelo contrário, fez com que as discentes assumissem a responsabilidade pelas suas aprendizagens, participando, discutindo, refletindo, indagando, registrando. Portanto, o relato de experiência pode ser um instrumento interessante, desde que as aulas a serem registradas também sejam interessantes.

**Palavras-chave:** Concepções de avaliação. Currículo. Relato de experiência.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1 REFLEXÕES SOBRE SIGNIFICADOS DE AVALIAÇÃO</b> .....	12
<b>2 PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	17
2.1 A monitoria .....	17
2.2 Metodologia da pesquisa .....	18
2.3 Experiências de aprendizagens em Currículo .....	18
<b>3 RELATOS DE EXPERIÊNCIAS EM CURRÍCULO: PRODUZINDO SIGNIFICADOS</b> .....	21
3.1 Conceitos de currículo pesquisados pelas alunas.....	21
3.2 Currículo como produção de sentidos/significados .....	23
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	27
<b>BIBLIOGRAFIAS</b> .....	29

## INTRODUÇÃO

É muito complexo discorrer sobre avaliação, principalmente no Ensino Superior e em cursos destinados à formação docente, onde os estudantes já chegam com toda uma vivência de avaliações anteriores, estão sendo submetidos a processos avaliativos e, simultaneamente, necessitam construir uma compreensão acerca da avaliação, que lhes possibilite atuar como avaliador. Partido desse pressuposto, cada indivíduo possui uma ideia própria do que vem a ser avaliação, que pode ter resultado de experiências traumáticas, de concepções equivocadas e da utilização de instrumentos avaliativos inadequados. Assim, consideramos importante analisar o significado que os estudantes do curso de Pedagogia têm sobre avaliação, se conseguem diferir processo de avaliação de instrumentos avaliativos, como avaliam os instrumentos a que são submetidos durante o curso, se têm autonomia para escolher os instrumentos de avaliação que pretendem aferir seus níveis de aprendizagem, se a avaliação contribui para o autoconhecimento e se os tornam aptos a avaliar seus futuros alunos.

Essas questões são de extrema importância, pois nos levam a refletir sobre o que os estudantes universitários pensam sobre avaliação, em especial os estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), que possui na sua grade curricular Componentes obrigatórios, tais como, Planejamento e Avaliação Educacional I e II, Didática e Currículo, que tratam mais especificamente do tema. Além destes, o Curso conta componentes complementares como Planejamento e Avaliação da Aprendizagem e outros componentes que, em alguma medida, abordam o tema. Portanto, o Curso de Pedagogia valoriza muito a temática avaliação educacional e da aprendizagem.

Apesar da sua importância, constatamos que existe pouca bibliografia sobre a concepção de avaliação dos alunos universitários. Podemos observar isso na afirmação de Brown e Hirschfeld (*apud* MATOS *et al*, 2005, p.174):

Dentre as várias possibilidades de abordagem da avaliação, a análise das concepções de avaliação dos estudantes tem sido uma das opções de trabalho na educação. Entretanto, existem poucas pesquisas que consideram a avaliação sob o ponto de vista dos próprios alunos. As pesquisas sobre as concepções dos alunos são escassas.

Por esse motivo, são importantes pesquisas voltadas para essa temática no referido nível, uma vez que discutimos muito sobre como devemos avaliar nossos futuros alunos,

mas não refletirmos com o mesmo vigor sobre a forma como somos avaliados e sobre o grau de importância que a avaliação tem nas nossas vidas, enquanto seres humanos e enquanto profissionais. É necessário, então, refletirmos sobre os significados que os alunos constroem sobre a avaliação ao longo dos cursos. Por tais razões, o presente artigo objetiva analisar os relatos de experiência como instrumento de avaliação no Ensino superior. Para isto, analisamos relatos produzidos por alunas do Curso de Pedagogia da UEPB, da disciplina Currículo, ministrada pela professora Francisca Pereira Salvino, no período 2013.2. A disciplina teve como objetivo empreender o campo do currículo como espaço/tempo de política cultural, focalizando os principais pressupostos e contribuições subjacentes às abordagens tradicionais, críticas e contemporâneas, bem como o papel constitutivo do conhecimento organizado em forma curricular

De certa forma, este artigo também consiste em um relato de experiências, pois atuei como monitora na referida turma durante o Componente Currículo e pude acompanhar o desenvolvimento das aulas, a interação das alunas, suas indagações, como elas observavam a evolução da sua aprendizagem, em cada aula a retomada das aulas anteriores, fazendo com que as alunas utilizassem das suas memórias para descrever tudo que estavam vivenciando.

Como referencial teórico, recorremos a estudiosos como Libâneo (1994), Hoffmam (2005), Vasconcellos (2007), Lopes e Macedo (2011), entre outros. Estes possibilitam o enfoque sobre a avaliação nos processos de ensino e aprendizagem, numa perspectiva problematizadora e crítica.

Para discorrer sobre a temática, organizamos o artigo em três seções. Na primeira, abordamos diferentes significados de avaliação, a partir dos estudiosos citados. Na segunda, discorremos sobre o percurso metodológico e o desenvolvimento das atividades. Na terceira e última seção, analisamos os relatos de experiência elaborados para avaliação na disciplina Currículo.

## 1 REFLEXÕES SOBRE SIGNIFICADOS DE AVALIAÇÃO

Vivemos em uma época em que os estudos no campo da avaliação vem avançando consideravelmente. No entanto, a sua prática não acompanha os avanços teóricos. Para muitos, o termo avaliação remete a prova, seminários, estudos dirigidos e outros instrumentos, que, via de regra, são utilizados para atribuir notas aos alunos, que os classificam como aprovados ou reprovados. Esse tipo de pensamento nos remete a uma abordagem tradicional, que se convencionou denominar de avaliação classificatória. Segundo Esteban (2008, p.15), a avaliação classificatória

configura-se com as idéias de mérito, julgamento, punição e recompensa, exigindo o distanciamento entre os sujeitos que se entrelaçam nas práticas escolares cotidianas. Assim, a professora precisa tornar o outro sujeito da relação um objeto de conhecimento, interrompendo as relações intersubjetivas - tecidas pelo diálogo que conecta as atividades escolares - e transformando-as. Para realizar a contento sua tarefa, a professora deve cercar-se de garantias para que o processo realizado produza resultados verdadeiros, objetivos, fidedignos, que explicitem o real valor de cada um dos alunos e alunas, os quais, classificados e hierarquizados, terão as recompensas, punições ou os tratamentos adequados a cada caso.

Na avaliação classificatória o professor é entendido como o centro da realização de todo o processo de ensino e aprendizagem, detentor do poder de decidir o que, quando, como e porque os alunos devem aprender. Ele deve manter distância do seu aluno, como se os alunos não tivessem sentimentos, nem capacidades para decidir sobre tais questões. Dessa forma, o professor enfatiza aos instrumentos de avaliação e não se questiona sobre os modos como os alunos analisam tais instrumentos, sua prática pedagógica, bem como os sentidos e as funções de avaliar e de ser avaliado. Como analisa Esteban (2008, p.14), nessa perspectiva, avaliar se torna

uma tarefa solitária, de responsabilidade exclusiva da professora que propõe os instrumentos a serem usados, elabora-os, aplica-os e analisa-os acompanhada de pressão constante decorrente das repercussões do resultado da avaliação na vida do aluno ou da aluna. A solidão às vezes é partilhada com a colega da outra turma, com a supervisora ou com a diretora (partilha que pode adquirir a feição de ordem a ser cumprida), poucas vezes, embora ocorra, com os estudantes e/ou seus responsáveis ou com os demais funcionários que trabalham na escola. Apesar das tentativas de troca e de ser uma atividade que abarca todos os envolvidos na relação pedagógica, dificilmente constitui um processo coletivo e plural, pois, tendo como objetivo atribuir um valor a alunos e alunas, a avaliação classificatória não proporciona espaços significativos para um diálogo profundo, em que o processo e seus resultados possam ser compartilhados pelos sujeitos nele envolvidos.

A avaliação torna-se um processo solitário porque os professores escolhem ser os detentores de todo o processo de ensino e aprendizagem. Às vezes os professores tentam escutar outras pessoas, mais esse ato não é decisivo para o processo e, muitas vezes, apenas os confundem. Frequentemente, com a pretensão de serem “justos”, os professores que praticam a avaliação classificatória, dão bastante ênfase aos instrumentos de avaliação e, por exemplo, adotam todo um ritual para realização de provas, mas não permitem que os alunos participem dessas escolhas. Ou seja, perdem as oportunidades de dialogar sobre a questão com quem mais será afetado por tal processo: o aluno.

A falta de diálogo no processo avaliativo é a causa de muitos estudantes terem repulsa às avaliações, principalmente, porque torna o professor autoritário e porque não conseguem perceber a importância desse processo para sua formação. Nestes casos, a avaliação, além de ato solitário, torna-se ato sem sentido, executado apenas para cumprir exigências pertinentes à atribuição de notas.

É importante perceber que, nessa postura, confunde-se avaliação com instrumentos de avaliação, portanto, é preciso ter claro a diferenciação entre esses elementos. Hoffman (2005, p.14) diz que “não se deve denominar por avaliação testes, provas ou exercícios (instrumentos de avaliação), muito menos se devem nomear por avaliação boletins, fichas, relatórios, dossiês dos alunos (registros de avaliação). A autora (2005, p.13) esclarece que “avaliar efetiva-se em um conjunto de procedimentos didáticos que se estendem sempre por um longo tempo e se dá em vários espaços escolares, procedimentos de caráter múltiplo e complexo tal como se delinea um processo”.

Hoffman (2005) vê o processo de avaliação como algo complexo e amplo que não se resume apenas aos instrumentos de avaliação. Ver como um processo longo que não se resume a um ano letivo, nem tem prazos rígidos, nem resultados com prazo determinado. Também não se resume às salas de aula, pois a aprendizagem ocorre em todos os lugares e somos seres que vivemos em constante avaliação. O mundo nos avalia e avalia nossas práticas cotidianamente. Da mesma forma, avaliamos continuamente as pessoas, os fatos, as coisas. Portanto, a avaliação escolar precisa ser contínua, precisa centrar-se nos estudantes, mas também no professor e no processo de ensino e aprendizagem. Como defende Hoffman (2005), o processo de ação avaliativa deve ocorrer de forma mediadora, ou seja, entre ambas as partes: educador e educando.

Para Vasconcelos (2007, p. 32), a “avaliação é um processo abrangente da existência humana, que implica uma reflexão crítica sobre a prática, no sentido de captar seus avanços, suas resistências, e suas dificuldades e possibilitar uma tomada de decisão sobre o que fazer para superar os obstáculos”. Essa forma de entender a avaliação, remete-nos a responsabilidade que o professor tem nesse processo. Quando o professor se prepara para avaliar o aluno, ele precisa refletir sobre a sua prática. Se os alunos apresentam dificuldades de aprender, um professor comprometido, preocupa-se em desenvolver um trabalho pedagógico que identifique os motivos das dificuldades, reorienta seu planejamento para que evite o fracasso dos aprendizes. Responsabilizar os estudantes pelo fracasso pedagógico é uma tarefa fácil, porém nada contribui para o sucesso destes e de seus professores. Por isto, o professor precisa ser crítico com sua prática pedagógica, auto avaliar-se, procurar soluções para enfrentar os obstáculos que vão surgindo no meio do caminho.

A cada dia os professores necessitam abandonar o tipo de avaliação classificatória para se preocuparem, de fato, com a aprendizagem dos alunos, pois isto é mais importante do que ter notas ao final de cada bimestre. É necessário garantir a aprendizagem significativa de seus alunos.

No Curso de Pedagogia, inclusive mais do que nos demais cursos de formação docente, os estudantes têm o privilégio de estudar sobre avaliação e, concomitantemente, vivenciar os modos de avaliar dos seus professores em sala de aula, comparando a relação entre as teorias e os métodos avaliativos praticados. Isto possibilita verificar se os discursos condizem com a realidade e refletir sobre essa relação.

Uma boa avaliação requer reflexão constante e planejamento de qualidade porque quando as aulas não são planejadas tudo fica comprometido, inclusive a avaliação. Como analisa Libânio (1994, p. 221),

O planejamento escolar é uma tarefa docente que inclui tanto a previsão das atividades didáticas em termos da sua organização e coordenação em face dos objetivos propostos, quanto a sua revisão e adequação no decorrer do processo de ensino. O planejamento é um meio para se programar as ações docentes, mas é também um momento de pesquisa e reflexão intimamente ligado à avaliação.

O importante é o docente ser uma pessoa crítica e compreender que um planejamento flexível é a chave para se desenvolver um trabalho educativo de qualidade e garantir uma avaliação de qualidade. Nesse trabalho, é imprescindível ouvir os alunos, pois

obrigar uma turma inteira a um determinado tipo de avaliação é algo sofrido e traumático. Certos procedimentos avaliativos nos levam a indagar: Qual pode ser o prazer do professor em causar traumas? Em ver na sua frente um aluno nervoso nos momentos de avaliar? Porque os professores, em sua maioria, não percebem que, ao avaliar seus alunos, também estão se avaliando?

Infelizmente, nas universidades também nos deparamos com situações de injustiça e humilhação, de ouvir discursos vazios e presenciar práticas incoerentes e autoritárias, que prejudicam o processo de construção do conhecimento, já no âmbito da formação docente. Interessante seria se a avaliação permitisse, aos alunos e aos professores, a percepção de como e em quais níveis os objetivos e as metas estão sendo alcançados; o acesso a informações que orientasse o replanejamento dos processos de ensino e aprendizagem e a superação/minimização das dificuldades identificadas. Como Luckesi (1992) analisa,

Avaliar é uma ação relacionada à retomada de caminhos e reorganização do planejamento, ao contrário de verificar, que consiste simplesmente em coletar informações. O presente pensamento nos faz refletir, mais uma vez sobre a importância de avaliar. Verificar uma nota é fácil, porque o professor não tem o trabalho de analisar todo o percurso da aprendizagem.

Vasconcellos (2007, p. 32) também diz algo muito interessante sobre certos modos de avaliar, que destacamos a seguir:

A prática de avaliação escolar chega a um grau assustador de pressão sobre os alunos, levando a distúrbios físicos e emocionais: mal-estar, dor de cabeça, 'branco', tensão, medo, angústia, insônia, pesadelo, vergonha, transpiração, enjôo, ansiedade, diurese, nervoso, confusão, esquecimento, preocupação, frio na barriga, decepção, introjeção de autoimagem negativa, etc.

Concordamos com os autores, porém ressaltamos que isto não significa que a avaliação deve ocorrer sem critérios, exigências e rigor. Atribuição de notas e/ou conceitos pode não ser algo significativo e produtivo para a aprendizagem, mas também não precisa ser demonizada e rechaçada a qualquer custo. Desde que não seja o motivo principal da avaliação e que esteja situada numa prática formativa e de acompanhamento, notas e conceitos podem não causar transtornos e até produzir efeitos positivos. Concursos públicos para contratação de trabalhadores, por exemplo, tendem a ser mais democráticos do que indicações, mesmo utilizando-se de notas e classificações. Informar a um aluno que uma atividade realizada por ele ficou ótima e merecedora de uma nota máxima e que uma

outra ficou ruim e precisa ser reelaborada, não vai causar transtornos se ocorre em um contexto de compromisso, responsabilidade e seriedade pelos sujeitos envolvidos.

Segundo Lüdke (1994), é necessário um redirecionamento para que a escola seja organização que permita ao aluno caminhar dentro de seu estágio e sem retrocessos, construindo seu conhecimento dentro de suas características pessoais. Nesse redimensionamento, a avaliação tem a função fundamental de informar e dar consciência ao professor de como os alunos estão caminhando nesse processo, para poder reorientá-lo e tomar as decisões mais cabíveis. Assim, compete ao professor direcionar os caminhos que ajudarão os alunos à progredirem, e compete aos alunos o desejo e a responsabilidade de sempre aprender, de assumir com responsabilidade suas obrigações.



## 2 PERCURSO METODOLÓGICO

### 2.1 A monitoria

Esta pesquisa analisa um instrumento de avaliação, através de documentos produzidos pelas alunas do Curso de Pedagogia da UEPB, do terceiro semestre do ano letivo 2013.2, na disciplina Currículo, ministrada pela professora Francisca Pereira Salvino. O material empírico principal é composto por relatos de experiências, elaborados com a orientação da Professora como requisito para avaliação da primeira unidade da disciplina, utilizados também para compor a nota da referida unidade. Portanto, aos relatos, foram atribuídas notas numa escala de zero a dez.

Este trabalho teve início quando atuei como monitora de Currículo e pude acompanhar o desenvolvimento das atividades voltadas às reflexões acerca dos significados de currículo e das teorias curriculares. Monitoria, segundo a Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD) da UEPB, é uma experiência oferecida aos alunos, regularmente matriculados nos cursos de graduação, compreendendo atribuições auxiliares relativas à atividade acadêmica, sob a supervisão de um professor. Os objetivos da monitoria são: despertar no estudante, o interesse pela docência e promover a cooperação entre os corpos docentes e discentes, em benefício da qualidade do ensino, ministrado pela instituição.

As modalidades de ingresso são duas: monitoria remunerada e monitoria não remunerada. As duas modalidades atendem aos mesmos objetivos, condições de participação e exigências do programa. O programa de monitoria é regulamentado pela RESOLUÇÃO UEPB/CONSEPE20/2007 e condicionada à publicação de edital de convocação.

O tempo de dedicação às atividades (planejamento e execução de aulas) de monitoria devem totalizar 12 horas semanais. Deve ser desenvolvida ao longo de um período letivo para os cursos anuais e dois períodos letivos para os cursos semestrais, como ocorreu no nosso caso. Ao final do exercício da monitoria, o estudante e o docente, fazem jus a um certificado, emitido pela PROGRAD<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Fonte: <http://proreitorias.uepb.edu.br/prograd/programa-de-monitoria-2/>

## 2.2 Metodologia da Pesquisa

O método utilizado é a análise documental, que nessa pesquisa são seis relatos de experiências de doze alunas, que registram suas aprendizagens ao longo da primeira unidade da disciplina Currículo. De acordo com Kenski (*apud* CAMARGO, 1997, p 287. ):

O material recuperado pela memória é um material ‘vivo’ constituído por constante reconstrução das vivências passadas, acrescido de novos conhecimentos e experiências individuais e sociais do momento presente. Pode igualmente, ser considerado como um recorte de representações de um objeto ou assunto referente a um tempo histórico e a um espaço social. No caso, representações da avaliação escolar.

O uso de resgate da memória é muito importante, pois é uma atividade onde o discente está a todo tempo refletindo sobre sua aprendizagem, onde é desafiado a aprender algo novo e a registrar as experiências, que foram significativas do ponto de vista do aluno e não do professor, exclusivamente. Para a análise, manteremos o sigilo quanto aos nomes das alunas autoras e identificaremos os relatos da seguinte forma: Relato 1; Relato 2; Relato 3; e assim sucessivamente. Com a orientação da Professora, os relatos foram constituídos em forma de artigo científico com os seguintes elementos: título, resumo, introdução, desenvolvimento (seções), conclusão e referências.

## 2.3 Experiências de aprendizagens em Currículo

As aulas da disciplina Currículo, objeto desta pesquisa, iniciaram no dia 03 de abril de 2014 e a primeira unidade foi até o dia 16 de maio de 2014. Durante esse período, as atividades desenvolvidas foram dinâmica de grupo, interpretação de imagem, leitura e produção textual, estudo em grupo, construção de quadro sinóptico e seminários.

No primeiro dia de aula a docente Francisca Pereira organizou uma dinâmica para apresentação e socialização da turma. Após a dinâmica, fez uma pergunta que instigou toda a turma: o que elas entendiam por currículo? Então, conversaram sobre os conhecimentos prévios das alunas e a professora orientou que fizessem uma pesquisa na internet e em livros sobre conceitos de currículo para a aula seguinte. Depois das discussões sobre os conceitos de currículo, a professora apresentou uma imagem desconhecida para as alunas e orientou para que criassem uma história a partir da imagem. As histórias foram socializadas com a turma e a experiência foi incrível, pois as alunas criaram estórias

únicas, criativas, divertidas e, algumas se emocionaram ao fazer a leitura. Pude observar o como elas estavam aprendendo e evoluindo a cada aula. Essa atividade teve um objetivo muito especial: construir uma visão nova de currículo, na qual currículo fosse entendido como um campo de produção de sentidos e significados culturais (LOPES e MACEDO, 2011).

Continuando, as alunas foram orientadas a estudar o primeiro capítulo do livro *Teorias de Currículo*, das autoras Alice Casimiro Lopes e Elizabeth Macedo, publicado em 2011. O capítulo intitulado Currículo foi estudado em grupo. Cada grupo ficou responsável por elaborar um quadro sinóptico e por apresentar uma seção. A essa atividade a Professora atribuiu três pontos e ao relato de experiência atribuiu sete pontos. Depois da realização dessas atividades, as alunas em duplas, fizeram seus relatos de experiência. Em princípio a atividade seria individual, mas a turma pediu que fosse em dupla e a professora assim o permitiu. Isso foi muito bom porque mostra que a presente professora se preocupa com seus alunos.

A relação professor – aluno é um jogo complexo que a todo o momento requer diálogo, caminhos a serem percorridos, principalmente quando se trata de avaliação. É preciso uma boa relação entre discentes e docentes para que a avaliação não venha a ser usada de forma errônea, pois é a aprendizagem e a formação das identidades dos alunos que está em jogo. Segundo Bordoni (*apud* MATTOS e CASTRO, 2011, p.134),

Avaliar não significa necessariamente medir e nem o referencial quantitativo significa necessariamente objetividade. A prática de uma educação positivista deixou-nos esse ranço. Aliás, quando tentamos traduzir em números ou ‘conceitos’ frios o que é incomensurável, as aberrações são evidentes. Que tipo de avaliação tem um aluno que ‘tirou’ 5 ou C? Significa ‘suficiente’, mas suficiente para que? O que ele não sabe, não vai fazer falta? Por que não sabe? A avaliação ‘medida’ mais esconde do que mostra. E não adianta transformar nota em conceito, pois o que tem que mudar é o objeto da avaliação.

A cada dia, o docente tem o desafio de superar os instrumentos de avaliações tradicionais e que possa ser celebrada a importância do aprendizado, ao invés de uma mera aprovação e que seja disseminado a cultura do aprendizado entre os discentes, afim de que estes possam ser conscientes do processo de ensino-aprendizagem. É preciso formar sujeitos críticos, autônomos, que em determinado momento possa escolher os instrumentos de avaliação por livre escolhas.

Os alunos da Educação Básica podem não ter uma mente preparada para escolher o instrumento de avaliação, mas o professor pode dialogar com eles e deixá-los escolher entre uma prova, um seminário, a produção de um texto, algo em que o aluno seja realmente bom.

Os alunos universitários deveriam ter autonomia de escolher pelo menos um instrumento de avaliação em cada componente, pois o que importa é a aprendizagem do aluno. O professor é uma figura importante, tem mais conhecimento que os seus alunos, mas a universidade precisa ser um ambiente diferente da Educação Básica, pois a cada dia os alunos se acomodam, leem pouco, não têm criatividade, têm medo de alçar voos. Segundo Perrenoud (*apud* CAMARGO, 1997, p.286),

não existem medidas automáticas, avaliações sem avaliados, nem se pode reduzir um ao estado de instrumento e o outro ao de objeto. Trata-se de atores que desenvolvem determinadas estratégias, para as quais a avaliação encerra uma aposta, sua carreira escolar, uma formação (...). Professor e aluno se envolvem num jogo complexo cujas regras não estão definidas em sua totalidade, que se estende ao longo de um curso escolar e no qual a avaliação restringe-se a um momento.

O processo de avaliação só irá mudar quando vencermos os obstáculos que nós mesmos criamos e as dificuldades que achamos que são impossíveis de serem superadas, quando o aluno tiver voz e puder ser um sujeito participativo no processo de avaliação. Então, teremos concepções de avaliação que não se limitem apenas à verificação.

### 3 RELATOS DE EXPERIÊNCIA EM CURRÍCULO: PRODUZINDO SIGNIFICADOS

#### 3.1 Conceitos de currículo pesquisados pelas alunas

Conforme apresentei na seção 2, no primeiro encontro a professora Francisca Pereira Salvino fez uma pergunta instigante, sobre o que as alunas sabiam sobre Currículo. Com base nos relatos, verificamos que as alunas não sabiam quase nada sobre o tema, como podemos observar no Relato 1, a seguir:

No primeiro encontro, a professora de Currículo, Francisca Salvino, levantou uma questão para refletirmos sobre o que sabíamos a respeito de Currículo. O resultado foi que a maioria não tinha nenhum conceito, não havia ideia do que estudaríamos e nem do que se tratava currículo. Só sabíamos sobre o *curriculum vitae* e o *lattes*. Com isso foi proposta pela professora uma pesquisa onde teríamos que fazer uma concepção do que seria currículo.

Podemos observar por este relato que a turma não sabia o que era a disciplina Currículo, o seu senso comum remeteu ao *curriculum vitae* e ao *lattes*, que são documentos que ouvimos muito falar, que faz parte do nosso vocabulário, pois o primeiro é importante para obtenção de um emprego e o segundo é o currículo que fica disponível na internet através do Conselho Nacional de desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

O Relato 3 confirma o pensamento do primeiro relato, no qual as alunas afirmam:

Ao iniciarmos o estudo da disciplina currículo, fomos questionadas pela professora sobre o que entendíamos sobre o mesmo. De imediato não conseguimos dizer muita coisa a respeito do assunto, daí ela nos fez pesquisar sobre o tema. Nas aulas seguintes surgiram vários conceitos, que geraram um debate de ideias em uma socialização agradável.

A professora fez uma pergunta que não teve resposta de imediato, levando as alunas a pesquisarem sobre o tema. É muito importante a pesquisa na educação, pois conforme afirma Demo (2003, p.2), “educar pela pesquisa tem como condição primeira que o profissional da educação seja pesquisador, ou seja, maneje a pesquisa como princípio científico e educativo e a tenha como atitude cotidiana.” Ou seja, a pesquisa deve ser um hábito constante.

Como resultado das pesquisas realizadas, a turma apresentou diversos conceitos, que destacamos no Quadro 2

RELATOS DE EXPERIÊNCIA	CONCEPÇÕES DE CURRÍCULO PESQUISADO PELAS AS ALUNAS
Relato 1	Todo o processo vivido na escola faz parte do currículo, é um conjunto contínuo de situações relativas à aprendizagem escolar. Assim, o currículo não é apenas uma lista de conteúdos prontos a serem transmitidos aos alunos e não se esgota na aplicação do conhecimento a experiências do dia a dia. <sup>1</sup>
Relato 2	O currículo não é um elemento inocente e neutro de transmissão desinteressada do conhecimento social. O currículo está implicado em relações de poder, o currículo transmite visões sociais, particulares e interessadas, o currículo produz identidades individuais e sociais particulares. O currículo não é um elemento transcendente e atemporal- ele tem uma história, vinculada às formas específicas e contingentes de organização da sociedade e da educação. (Moreira e Silva,1995, p.7)
Relato 3	De acordo com Hamze , (Colunista Brasil Escola) a escola, não é apenas um espaço social emancipatório ou libertador , mas também é um cenário de socialização da mudança. Sendo um ambiente social tem um Currículo , o explícito e o formal, o oculto e informal. A prática do currículo é geralmente resolvida na vida dos alunos estando associado às mensagens de natureza afetiva e às de atitudes de valores. O currículo educativo representa a composição dos conhecimentos e valores que caracterizam um processo social. Ele é proposto pelo trabalho pedagógico nas escolas.
Relato 4	O currículo constitui um dos fatores que possui maior influência na qualidade de ensino ( <a href="http://educar.no.sapo.pt/currículo/htm">educar.no.sapo.pt/currículo/htm</a> ).
Relato 5	O currículo é o projeto que determina os objetivos da educação escolar e propõe um plano de ação adequado para a consecução de ditos objetivos. Supõe selecionar, de tudo aquilo que é possível ensinar, o que vai se ensinar num entorno educativo concreto. O currículo especifica o que, como e quando ensinar e o que como e quando avaliar. (MARTINS, Raquel - Disponível: <a href="http://educacaodeinfancia.com/o-que-e-o-currículo/">http://educacaodeinfancia.com/o-que-e-o-currículo/</a> )
Relato 6	Não pesquisou uma concepção de Currículo.

**Quadro 1-** Concepções de Currículo pesquisadas pelas alunas

**Fonte:** Arquivo virtual da Profª Francisca Salvino

A partir da leitura das concepções de currículo a turma pode observar que as concepções eram diversas. A partir dessa atividade e da mediação da Professora, compreenderam que essas concepções variam de autor para outro, que se referem a currículo, mas que conceituam currículo em definitivo. Compreenderam também que essas concepções podem variar em função do tempo, das sociedades e das localidades. Portanto, não seria produtivo querer encontrar um único conceito válido para todas as pessoas, mas situá-los histórica e culturalmente. O único problema que encontraram foi em colocar a referência bibliográfica, conforme orientado pela Professora. Apenas no Relato 6 não constava com a pesquisa solicitada.

Conforme Demo (2003, p. 2), “educar pela pesquisa tem como condição primeira que o profissional da educação seja pesquisador, ou seja, maneje a pesquisa como princípio científico e educativo e a tenha como atitude cotidiana”. Demo se refere à pesquisa mais

sistematizada, no entanto, percebemos que essa busca e análise das concepções foi instigante e possibilitou à Professora discutir a necessidade da investigação científica. Vejamos o exposto pelas alunas no Relato 1:

No encontro seguinte foram abordadas as concepções de currículo e ao término da discussão percebemos que dentre todas as concepções relatadas na sala de aula havia aquelas que se aproximavam uma da outra, e aquela que se distanciavam. Com o auxílio da professora foi possível analisar que o Currículo não possui uma única definição e sim várias. Essa diversidade de definições existe desde tempos remotos.

Continuando a discorrer sobre a importância da atividade de pesquisa acerca das concepções de currículo, destacamos no Relato 5 que “essa atividade ajudou na nossa compreensão sobre currículo e o que estudaríamos ao longo da disciplina”. Esse entendimento foi levando a turma a refletir sobre os processos de significação, que se dá através da linguagem.

### 3.2. Currículo como produção de sentidos/significados culturais

Depois da atividade de pesquisa, a Professora Francisca Pereira Salvino apresentou uma imagem no data show e pediu para que a turma soltasse a imaginação e produzisse um pequeno texto para depois compartilhar com toda a turma. No Relato 2 as alunas explicam:

A professora nos mostrou a imagem de um sapo, que na verdade era formado por pessoas, que juntas formavam esta imagem e em seguida pediu para cada um produzir sentidos e significados construindo uma história. O intuito dessa atividade foi mostrar como cada um produz sentidos e significados diferentes para aquilo que lhe é apresentado e que currículo é um campo de produção de sentidos e significados culturais. Além de nos mostrar que as escolas trabalham de forma que não exploram nem estimula a criatividade da criança.

Podemos observar que as alunas compreenderam o objetivo da atividade, compreenderam uma concepção de currículo a partir de uma atividade prática, que foi de extrema importância para a compreensão de tudo que foi trabalhado na sala de aula sobre concepção de currículo. Ficou evidente a importância de desenvolver a criatividade, o



gosto pela arte pois a imagem era uma fotografia de uma pintura de corpos feita pelo pintor italiano Johannes Stoetter, que transforma modelos em animais vivos, frutas, flores e combina-os com o ambiente. Estas pinturas impressionantemente detalhadas, podem levar até cinco meses de planejamento meticuloso e até oito horas de trabalho para ser concluído. Johannes, o vencedor do Campeonato Mundial de Bodypainting em 2012, diz que a chave para o sucesso é amar o que você está fazendo. Apenas algumas alunas conheciam a imagem a seguir,



**Figura 1** – Pintura com corpos de Johannes Stoetter  
**Fonte:** Google.com

Os relatos deram ênfase à importância de despertar nos alunos a criatividade, que é um atividade pouco realizada nas salas de aula brasileiras, o que resulta em inibir/tolher a criatividade dos discentes, que é algo essencial para formação de um sujeito capaz de apreciar e/ou fazer arte.

O Relato 4 revela a importância da atividade para compreendermos e refletirmos não apenas os significados de currículo, mas aspectos importantes dos processos de ensino e aprendizagem. Então vejamos:

A professora trouxe uma imagem e pediu para que a partir dela escrevêssemos uma pequena história, o que a figura representava para



nós. Cada pessoa criou uma história e em seguida compartilhamos. Uma das histórias foi a seguinte: Era uma vez um sapo, era verdinho, mas também era laranja e vermelho, tinha umas manchinhas pelo corpo, era colorido, exótico. Ele adorava passear, mas às vezes gostava de ficar sozinho, reservado. Seu local preferido eram as folhas, passava horas lá só de boa, pensando na vida, pegando um bronze e apreciando a paisagem. Tem vida melhor? Nos textos produzidos, apresentamos visões diferentes sobre a imagem, histórias bem criativas. No final a professora revelou que a imagem que parecia com um sapo era na verdade mulheres com os corpos pintados, compondo uma obra de arte. Essa atividade mostrou que cada um tem uma ideia sobre algo, ninguém precisa ter a mesma visão que os outros tem sobre tal coisa. Fez com que usássemos nossa criatividade e liberássemos nossa imaginação. Uma coisa que deve ser feita na escola é estimular, favorecer para que criança explore sua imaginação e criatividade.

A partir desse relato, podemos observar o quanto essa atividade foi produtiva e significativa, de tal forma que as futuras pedagogas poderão fazer a diferença nas suas futuras salas de aulas e mesmo atuais porque algumas alunas atuam como professoras. Isto desperta nas crianças a criatividade e a imaginação, que é muito importante para o seu desenvolvimento. Foi preciso “sentir na pele” e vivenciar o quanto é bom criar, para poder compartilhar com os futuros alunos.

Na sequência, a turma estudou o texto Currículo do livro Teorias de currículo (LOPES e MACEDO, 2011), a partir do qual discutiu as principais teorias curriculares desenvolvidas a partir de 1900, no exterior e no Brasil. Foram estudadas as teorias progressivistas, eficientistas, fenomenológica, reprodutivista, crítica e pós-estruturalista. Esta assumida como mais produtiva pelas autoras e pela Professora Francisca, mas sempre enfatizando que todas elas têm importantes contribuições para o campo do currículo. Lopes e Macedo (2011, p. 38) afirmam que “o pós-estruturalismo partilha com o estruturalismo uma série de pressupostos, dentre os quais o mais relevante para a desconstrução dos conceitos de currículo que apresentamos até agora diz respeito ao lugar da linguagem na constituição do social”. Sobre o estudo, lemos no Relato 1 o seguinte:

Portanto, por ser uma vertente antirrealista, a construção do real só será efetivado através da linguagem. Para o estruturalismo, a linguagem é composta por significados e significantes. O significante será a representação gráfica, a palavra, o texto, o som, enquanto o significado é aquilo que representa para o indivíduo, seria o conceito que a pessoa formulou sobre o significante. Isso nos faz refletir sobre uma foto que a Prof.<sup>a</sup> Francisca nos mostrou em uma de suas aulas e pediu para que criássemos uma história sobre aquilo, o que aquela foto representava para nós.

Todas as discussões em sala de aula foram importantes para a turma de Currículo atingir os objetivos propostos pela Professora do Componente. O processo de avaliação não deve ser algo solto, feito só por fazer, é necessário ter metas e lutar para alcançá-las.

Enfim, a análise desses relatos de experiência deixou claro o quanto a turma aprendeu sobre currículo, como foi significativo, pois foi possível vivenciar e compartilhar experiências, que fizeram pensar sobre as teorias de currículo.

Os relatos foram avaliados através de uma ficha de avaliação organizada pela professora com os seguintes critérios:

CRITÉRIOS	CONCEITOS				NOTA
	Insuficiente	regular	Bom	Ótimo	
Clareza e coerência textual (2,0)					
Ênfase nas ideias principais (1,0)					
Fundamentação teórica e referência aos textos básicos da disciplina (2,0)					
Formatação do texto (2,0)					
TOTAL					

**Quadro 2** - Ficha de avaliação do relato de experiência

**Fonte:** diário de campo da autora

Os critérios de avaliação ficaram claros e objetivos, toda turma entendeu o que era para ser feito e o que a professora esperava delas, o que foi importante, uma vez que a avaliação precisa ser um momento com objetivos claros. Percebi que as duplas tiveram oportunidade de registrar os aspectos e as aprendizagens que foram mais significativas para elas próprias, porém precisavam fundamentar o texto e adotar uma escrita acadêmica, inclusive conforme as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). As alunas reclamaram bastante, alegando que o texto era muito difícil e que elas não sabiam utilizar as normas técnicas, mas tiveram que escrever ou ficariam sem a nota. Durante todas as aulas a Professora enfatizava que a avaliação permeava todo o processo e que, tanto ela como as alunas se avaliavam cotidianamente, mas que era necessário compor a nota para registrar no histórico das alunas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo foi de fundamental importância, pois permitiu fazer uma discussão muito prazerosa sobre a temática avaliação. Com esse trabalho foi possível pesquisar algumas concepções de avaliação e foi possível analisar um instrumento de avaliação aplicado numa turma de Pedagogia no decorrer da disciplina Currículo. A partir da presente análise foi possível constatar como foi importante esse instrumento de avaliação para aprendizagem das discentes. O resgate da memória é um exercício muito interessante, porque o aluno é livre para escrever sua percepção da aula, mas sempre mediados e orientados pela Professora.

Os relatos permitiram observar o pensamento do aluno e a correção da professora, e em alguns momentos ficou claro que o pensamento do aluno não era o esperado pela professora. Num dos relatos a concepção de currículo que a aluna compreendeu não condizia com o que a professora do componente esperava, corrigindo assim a concepção que as alunas colocaram no seu relato de experiência. Esse fato é interessante porque o professor sempre tem uma ideia pronta do que espera da aprendizagem do seu aluno, embora a concepção do relato não deva ser considerada errada, na medida em que existem diversas concepções de currículo, uma contrapondo-se a outras. Num processo de construção de concepções os discentes devem ser livres para compreender, então, como o professor pode dizer que uma concepção é equivocada? Esta é uma questão interessante para pesquisas futura.

O melhor caminho é o da leitura, pois quanto mais se ler sobre a temática avaliação, mais capacitados os docentes serão para avaliar seus alunos. Como professores podemos fazer escolhas de instrumentos avaliativos que não girem em torno apenas de provas, seminários, elaboração de resumos e outros. É preciso ir em busca de instrumentos avaliativos que levem os alunos a refletirem, a buscarem compreender as atividades que o professor prepara, a desenvolverem sua criatividade, sua capacidade de análise, de síntese, de escrita, de oralidade para socialização e compartilhamento das experiências.

O instrumento escolhido pela professora de Currículo foi simplesmente rico, um instrumento que não deixou as alunas tensas, pelo contrário, fez com que as discentes assumissem a responsabilidade pelas suas aprendizagens, participando, discutindo, refletindo, indagando, registrando. A meu ver, o relato de experiência pode ser um

instrumento interessante, desde que as aulas a serem registradas também sejam interessantes.

Nas conclusões dos relatos, as alunas não fizeram nenhuma crítica em relação ao instrumento de avaliação, mas o consideraram muito importante. A leitura desses relatos foi muito prazerosa, porque pude perceber uma turma que, a cada atividade ia crescendo na construção das suas aprendizagens.

Avaliar sem dúvida é uma das tarefas mais complexas da educação, mas pode ser muito prazerosa, refletindo um pouco de nós, das nossas ideias, do que acreditamos ser avaliação. Precisamos fugir da nossa zona de conforto e produzir instrumentos de avaliação onde o aluno de fato reflita, desenvolva a sua criatividade, cresça nos estudos, sinta vontade de aprender de uma forma que não leve a “cola” ou priorize a memorização.

Enfim, esse estudo foi de fundamental importância para aprofundar os estudos sobre avaliação, compreendo que podemos formar alunos críticos, capazes de participar de uma sociedade em constante mudança, capazes de dá significado a tudo que os cercam. Valorizar o processo de avaliação é muito importante porque a nossa vida é repleta de avaliações e a vida espera que possamos passar de uma etapa para outra com êxito, compreendendo que o que importa não é uma nota dez no final e sim o que aprendemos de significativo. Isto é o que faz a diferença na formação docente e na vida do educador e dos educandos.

**BIBLIOGRAFIA**

CAMARGO, Alzira Leite Carvalhais. **O discurso sobre a avaliação escolar do ponto de vista do aluno.** Rev. Foc. Educ. v.23, n. 1-2, p. 283-302, jan./dez., 1997.

DEMO, Pedro. **Educar pela Pesquisa.** 6 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

ESTEBAN, Maria Teresa (org). **Escola, Currículo e Avaliação.** 2ª Ed. – São Paulo/SP: Cortez, 2008.

HOFFMAN, Jussara. **O Jogo do Contrário em Avaliação.** 2ª Ed. – Porto Alegre/RS: Mediação, 2005.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. Currículo. In: \_\_\_\_\_. **Teorias de Currículo.** São Paulo: Cortez, 2011.

LUCKESI, C. C. **Verificação ou avaliação:** o que prática a escola? São Paulo: FDE, 1992.

MATOS, et al. **Avaliação no Ensino Superior:** Concepções Múltiplas de estudantes Brasileiros. Est. Aval. Educ, São Paulo, v.24, n. 54, p. 172-193, jan./abr., 2013.

MATTOS, C, L, G; CASTRO, P, A. **Etnografia e Educação:** conceitos e usos. 21ª ed. Campina Grande/PB: EDUEPB, 2011

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Avaliação:** Concepção dialética–libertadora do processo de avaliação escolar. 18ª Ed. – São Paulo/SP: Libertad, 2008.